

POR UMA EDUCAÇÃO PARA UMA CABEÇA BEM-FEITA

BY AN EDUCATION FOR A WELL-SHAPED HEAD

Luiz Etevaldo da Silva¹

RESUMO: Neste artigo apresento reflexões acerca da ideia de Edgar Morin sobre a concepção de “cabeça bem-feita”. A partir dos pressupostos de sua obra, teço considerações a respeito da leitura que faço sobre o tema, é um convite ao leitor para ampliar o debate sobre práticas pedagógicas que venham dar conta das demandas do nosso tempo, no qual o aluno aprenda a pensar de forma contextualizada, estabelecer os nexos entre os conceitos e ter visão da totalidade. Ao entender a “cabeça bem-feita” como desenvolvimento das capacidades racionais e sensíveis, para interagir de maneira qualificada nos espaços sociais, parto da experiência da sala de aula da educação básica, e ensejo esforços para compreender a *práxis* pedagógica renovada pela concepção de Morin, com a finalidade de contribuir para uma aprendizagem capaz de proporcionar aprendizagens para resolver problemas e oportunizar fazer escolhas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Conhecimentos. Compreensão. Pensar. Contexto.

ABSTRACT: *The present paper introduces reflections on the Edgar Morin's idea on the concept of “well-shaped head”. Based on the assumptions of his work, I raise considerations about what I read on the subject, is an invitation to the reader to broaden the debate on pedagogical practices that will cope with the demands of our time, in which students learn to think contextualized way to establish connections between the concepts and vision of wholeness. By understanding the “well-shaped head” as the development of rational capacities and sensitive way for a qualified interaction in social spaces, delivery of the classroom experience of basic education, opportunity and efforts to understand Morin's concept of renewed pedagogical praxis. Aiming at contributing to learning capable of delivering learning to solve problems and create opportunities to make choices.*

KEYWORDS: Education. Knowledge. Understanding. Thinking. Context.

¹ Licenciado em Estudos Sociais, Graduado em História, Especialista em Humanidades e Mestre em Educação nas Ciências. Docente da rede pública de ensino do Estado do RS. Autor do livro “O encontro com a docência; uma experiência no campo pedagógico como professor de escola pública” (www.Biblioteca24x7.com.br).

Introdução

Neste artigo apresento reflexões acerca da ideia de Edgar Morin sobre a concepção de “cabeça bem-feita”. A partir dos pressupostos de sua obra faço considerações a respeito da leitura que faço sobre o tema, é um convite ao leitor para a participação do debate sobre práticas pedagógicas que venham dar conta das demandas do nosso tempo. Com quase trinta anos de experiência no exercício da docência na educação básica, convívio com professores, e observando criticamente os contextos e falas deles em encontros de formação, percebo que há um consenso que a maior parte dos alunos chega ao final do ciclo básico com capacidade reflexiva insatisfatória, tendo dificuldades de leitura crítica e argumentos frágeis. Sendo assim, concordo com Morin, é preciso “repensar a reforma e reformar o pensamento”, não basta apenas ensinar, encher a cabeça dos alunos de conteúdos de maneira desconexa, dispersos, mas tornar significativos os conceitos e promover o pensar complexo ensinar a contextualizar, no qual as informações se constituam em formação da visão crítica dos alunos.

Ao entender a “cabeça bem-feita”² como desenvolvimento das capacidades racionais e sensíveis, para interagir de maneira qualificada nos espaços sociais, parto da experiência da sala de aula da educação básica, e ensejo esforços para compreender a *práxis* pedagógica renovada pela concepção de Morin. Assim, ao longo do texto, procuro proporcionar situações em que reflexões epistemológicas venham contribuir para uma educação para

uma cabeça bem-feita. Na primeira parte centro minha análise sobre o que entendo por uma cabeça bem-feita, na segunda como educar para uma cabeça bem-feita e na última escrevo sobre o desafio de uma educação para uma cabeça bem-feita.

O que é uma cabeça bem-feita?

Estamos diante do desafio no século XXI de promover uma reconstrução do pensamento pedagógico. A superação da concepção de conhecimento da visão moderna e do positivismo é uma necessidade para possibilitar emergir novas relações sociais, no qual as práticas pedagógicas não se destinam mais a encher a cabeça dos alunos de conteúdos (conceitos abstratos), mas passar a trabalhar no sentido de constituir “uma cabeça bem-feita” (MORIN, 2004).

As práticas pedagógicas para uma cabeça bem-feita preconizam a constituição de uma subjetividade capaz de buscar explicações, interpretação e capacidade de analisar criticamente a realidade. Isso nos remete a pensar que, para Morin, é necessário construir conhecimentos pertinentes. Assim, para ele, “o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrito” (p. 15).

Ao organizar sua perspectiva pedagógica para dar conta da complexidade do ato de conhecer a escola contribui para construção de novas subjetividades, no qual as intervenções racionais, dialeticamente articuladas com a sensibilidade, propõem encaminhar

² Alusão a obra de Edgar Morin.

ações para entendimento das contradições dos processos históricos, tornando a nossa consciência apta a perceber as limitações e possibilidades como sujeitos históricos. Nesse sentido, segundo Morin (p. 18), o desafio sociológico é:

- a informação é uma matéria-prima que o conhecimento deve dominar e integrar;
- o conhecimento deve ser permanentemente revisitado e revisado pelo pensamento;
- o pensamento é, mais do que nunca, o capital mais precioso para o indivíduo e a sociedade.

Sendo assim, a educação escolar pressupõe ensinar a fundamentar racionalmente o conhecimento sociológico, e a sociedade humana é o objeto a ser decifrado pela capacidade de entendimento da realidade. O homem como ser social e político nos interpela constantemente a rever nossas concepções e princípios para compreender a complexidade da sua organização social, ao longo dos tempos nos diferentes espaços/lugar. O conhecimento supõe a leitura dialética das condições de avanço para modificar as condições de existência humana.

Como tal, o conhecimento construído na escola nos desafia a ser um instrumento para intervenção racional e sensível na realidade. Dessa maneira, constituir-se como meio para o desenvolvimento da consciência crítica, no processo de reprodução das práticas sociais, no qual as transformações vêm imbricadas de interesses humanos, que podemos chamar de dimensão política. A capacidade de nos tornar sujeitos inteligíveis e agir politicamente em prol da vida depende da compreensão

que temos da realidade em seu complexo de interações: homens entre homens, homens e coisas, homens e conhecimentos e da transcendência sociohistórica.

Para Morin (p. 21), o homem vai conseguir dar conta da complexidade do mundo humano-social se tiver uma cabeça bem-feita. Para ele:

O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de:

- uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas;
- princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

A cabeça bem-feita possibilita, então, desenvolver a compreensão para superar a visão simplista das práticas sociais e emergir processos inteligíveis para estabelecer entendimentos socialmente complexos, a partir dos diversos fenômenos que constituem a sociedade humana e sua relação com a natureza. Isso implica uma compreensão mais ampliada do mundo e atribuir sentidos e significados ao estar e ser no mundo, revendo constantemente concepções e princípios das organizações sociais, culturais e políticas.

A cabeça bem-feita é preparada para lidar com a dúvida, o erro, o debate e a pergunta, como processo epistemológico para decifrar os perfis do mundo humano-social. Assim, ocupa-se da leitura e interlocução

com a teia de conexões entre os fenômenos sociais, culturais e políticos, interagindo com as diversas matizes de pensamentos e ampliar o campo de percepção deles no complexo das representações históricas do mundo.

Para Morin (p. 22), “o conhecimento da inteligência geral requer que seu exercício seja ligado à dúvida, fermento de toda atividade crítica (...) permite ‘repensar o pensamento’”. Nesse sentido, o sujeito coloca-se como interlocutor na investigação epistemológica e tenta perceber as diversas performances do ato de conhecer, atentando para a “arte de transformar detalhes, aparentemente insignificantes, em indícios que permitam reconstruir toda uma história” (p. 22-23).

Para Morin (p. 24), “uma cabeça bem-feita apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar acumulação estéril. Isto implica a possibilidade de tornar os conhecimentos significativos, com vista a desenvolver a capacidade especulativa e criativa. Dessa forma, evidenciar a percepção da realidade e a compreensão lógica das práticas sociais cotidianas e científicas. Assim, “todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos” (p. 24).

Para Morin (p.24), a cabeça bem-feita é capaz de realizar reflexões sobre a temporalidade e a existência humana com a visão ampla das diversas dimensões constituintes. Pois, “o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese”. Perante esta característica do pensamento, o sujeito epistêmico aprende a estabelecer diálogos significativos, utilizando os diversos conceitos, tecendo uma rede de significados e amplia a diversidade interpretativa do mun-

do. Nesse sentido, “a partir daí, o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação” (p. 24).

Como educar para uma cabeça bem-feita?

Educação para uma cabeça bem-feita pressupõe emergir na compreensão dos contextos sociais, culturais e políticos. Isto consiste na evidenciação histórica, articular saberes e, desse modo, conceber novas maneiras de entendimento do mundo. Nessa lógica, o sujeito aprende a pensar a complexidade, busca novos ângulos e perspectivas de análise. Significa, em outras palavras, constituir uma nova imagem para o pensamento, a partir da especificidade formal e estética do mundo.

Efetivamente, o que está em jogo é estabelecer os nexos entre as diversas partes constituintes da totalidade de cada fenômeno. Para Morin (p. 25), “trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana”. Dessa forma, suscitar raciocínios dialéticos, preconizar mediações e interpretações das representações na perspectiva da complexidade.

A cabeça bem-feita, portanto, consegue refletir acerca das incertezas, desvela e exerce sua expressividade, no processo de realização das sínteses analíticas frente aos objetos do conhecimento. Sendo assim, o sujeito pensante vislumbra um olhar interpretativo sobre a diversidade e horizontes de perspectivas de entendimento. Vista por este ângulo,

o indivíduo com este tipo de formação intelectual é um sujeito em condições de manifestar o repertório de compreensão do mundo de forma percuciente.

Uma educação para cabeça bem-feita consiste, entre tantas perspectivas, em constituir processos de subjetivação para perceber a realidade pela lógica da complexidade. No qual, alarga a capacidade perceptiva da realidade, confronta situações e promove a convergência de saberes para explicá-las. As práticas pedagógicas para tal concepção de educação se voltam para captar energias novas, desenvolver compreensões e emergir um entendimento reflexivo do contexto.

Os pressupostos da educação no sentido que venho a defender é um processo de desenvolvimento da inteligibilidade e uma lógica de permanentes transformações da realidade e aceitação de realidades plurais de concepções de mundo. Assim, “conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele” (p. 37). As práticas pedagógicas para uma cabeça bem-feita requer visão dialética entre as condições subjetivas e objetivas da realidade no qual o exercício pedagógico se realiza.

A educação que estou analisando aponta para recuperar a conectabilidade interior, como modo de entendimento relacional da realidade, onde tudo está dinamicamente ligado. Assim, a compreensão crítica dos fenômenos se constitui a partir da superação das contradições entre ideias e construir novas formas de referência para explicá-las.

De certa forma, a educação para cabeça bem-feita significa aprender a ver e enxergar, construir explicações com o seu olhar e estimular modos de perceber e sentir o mundo subjetivamente. O sujeito mediante esta

perspectiva situa-se de forma relacional com o tempo, promove associação de ideias e a complexidade de nexos entre as partes para constituir a explicação do todo. Morin (p. 40) escreveu que “a relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva. A humanidade é entendida planetária e biosférica”.

O professor para uma educação com cabeça bem-feita tem como desafio buscar a pertinência das relações entre os fenômenos naturais, sociais, culturais e políticos. Isto implica um olhar para o objeto do conhecimento para confrontar teses, emitir juízos e articular o entendimento complexo da realidade. Nessa perspectiva, a relação pedagógica consiste em uma experiência humana, fundamentar lógicas de entendimento e estabelecer vínculos entre as categorias conceituais para explicar as formas de sociabilidade. Pois, para Morin (p.40), “o ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural”.

A cabeça bem-feita é capaz de construir por meios próprios conhecimentos e entendimento crítico da sociedade e suas relações com o meio natural, simbólico e cultural. Da mesma forma, o sujeito com esta característica aprende a pensar o pensamento, estabelecer diálogos consistentes e fazer uso de sua própria razão para explicar e criar as representações sociais.

A educação, como meio de constituir concepções e princípios, enuncia-se para ampliar e pluralizar os olhares sobre a condição humana, forjada a partir da experiência social e da dimensão epistemológica. Por esse viés, o desenvolvimento cognitivo visa proporcionar a prática de entendimento da convergência e divergência de percepção do

mundo. Ao ampliar experiências, o homem redefine tempos e espaços e ordena as referências do pensar. Neste caso, “explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo” (p. 51). Para isso, o homem necessita de situações de problematização sociológica, filosófica, antropológica, histórica, entre outras tantas.

A processualidade das práticas pedagógicas para uma cabeça bem-feita desafia o professor para superar as visões simplistas das relações entre os homens, entre esses e a natureza, com o conhecimento e transcendência sócio-histórica. O sujeito de cabeça bem-feita não é apenas racional, mas constituído de emoções, expectativas, desejos e prazer. Em face disso é atento para compreensão da natureza, as pessoas e a si mesmo. Como escreveu Morin (p. 51), “a compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias”.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas para a cabeça bem-feita entendem que “enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, sociólogo, historiador, escritor, que conjuga a uma iniciação à lucidez” (p. 51). Isso significa uma compreensão mais complexa do mundo, ou seja, do universo de relações sociais em seus múltiplos aspectos.

A pedagogia para cabeça bem-feita postula gerar novas subjetividades fundadas nas experiências sociais e culturais. Nos quais atores sociais e suas possibilidades são confrontados e estimulados a pensar complexa-

mente a realidade. Os modos diferentes de perceber e sentir o mundo são referências para o processo investigativo, buscando visões e alternativas de pensar, na pertinência da *práxis* social.

Os modos de processar conhecimentos para uma cabeça bem-feita se sustentam na lógica dialética de compreensão das coisas e do próprio conhecimento. Assim, o sentido da experiência humana e a possibilidade do conhecer se dá na relação intersubjetiva. O sujeito pensante, nessa perspectiva de entendimento, insere-se no contexto de elucidação do sentido da existência humana, reflexão e discussão a respeito da totalidade complexa que é a realidade social, cultural, política e natural.

A cabeça bem-feita se atenta para a reflexão teórica e a busca de significado para a própria experiência humana, no qual acontece a permanente procura por novas hipóteses de interpretação da existência. Contudo, apesar de tudo isso, persiste que “a condição humana está marcada por duas grandes correntes: a incerteza cognitiva e incerteza histórica” (p. 59). Assim, conhecer é emergir no universo das contingências, essa eterna busca de sentido e significado para a existência humana. Pois, a pronúncia do mundo está no movimento dialético do pensamento, no qual o objetivo e o subjetivo influenciam o modo de entendimento da realidade. Nesse caso, “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (p. 59).

Para Morin (p. 59), “a incerteza histórica está ligada ao caráter intrinsecamente da história humana”. Desse modo, o ato de conhecer é diálogo, postura diante do mundo e do próprio conhecimento. Sendo assim, a busca

de convergência e complementaridades, entre os diversos conceitos, como forma de procedimento pedagógico, é indispensável no exercício da docência.

Efetivamente, “é preciso, portanto, prepararmo-nos para o nosso mundo incerto e aguardar o inesperado” (p. 61). Pois, o conhecimento é esta aventura de aproximações-dialéticas entre os conceitos, esforço para fecundar novos pensamentos e emergência no contexto existencial e histórico. Nesse processo a curiosidade epistemológica consiste na opção investigativa mais indicada para se dar conta da complexidade que temos diante do ato de conhecer.

O desafio da educação para uma cabeça bem-feita

A complexidade como categoria epistemológica consiste neste exercício crítico sobre o conhecimento e a especificidade dialética, compreende sua temporalidade e possibilidades de interpretações diversas. A cabeça bem-feita é aquela que consegue convergir na unidade dialética entre subjetividade e objetividade, e, assim, se rearticular permanentemente na nova forma de relação com a experiência vivida, a partir de referenciais teóricos novos.

Para Morin (p. 61), tudo isso “é esforçar-se para pensar bem, é exercitar um pensamento aplicado constantemente na luta contra o falsear e mentir para si mesmo, o que nos leva, uma vez mais, ao problema da ‘cabeça bem-feita’”. Nessa lógica, pode-se escrever que a aventura de conhecer é esse exercício epistemológico, no qual o caráter investigativo do sujeito emerge do movimento dialógico dialético entre os homens para compreender

melhor o mundo.

Para o processo educativo contribuir para a cabeça bem-feita é necessário repensar as práticas pedagógicas, superar a tendência positivista, desprovida da dimensão dialética e imprimir nova lógica na relação professor e aluno, no sentido de conceber o processo ensino-aprendizagem como algo complexo, aberto a diversas interpretações e visões de mundo subjacentes. Para Morin (p. 92), “a exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza”.

Nesse sentido, a memorização de conteúdos, que marcou o processo ensino-aprendizagem em épocas passadas, precisa ser substituída pela compreensão, pelo entendimento dos conceitos, para que o sujeito aprenda a pensar a realidade. A análise crítica e síntese a partir de sua concepção é um imperativo para a educação atual. Em outras palavras, a escola tem como objetivo ensinar a construir conhecimentos e constituir representações das situações do cotidiano, tendo a *práxis* como referencial epistemológico.

Para Morin (p.92-93):

O pensamento que une substituirá a causalidade linear e unidirecional por uma causalidade em círculo e multirreferencial; corrigirá a rigidez da lógica clássica pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas, e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes.

Sendo assim, ao professor que pretende constituir uma cabeça bem-feita é necessário que os conteúdos científicos sejam compreendidos e aplicados pelo aluno. Nesse caso, pouco adiantará aprender todas as regras gramaticais se não souber no final do ciclo da educação básica, por exemplo, escrever um texto dissertativo, com argumentos plausíveis. Será pouco significativo se decorar inúmeras datas de acontecimentos históricos, nomes de líderes de movimentos, se não souber realizar uma leitura crítica da realidade ou do mundo.

O desafio do processo educativo, na lógica da complexidade, para uma cabeça bem-feita, constitui o foco central das práticas pedagógicas para que o ensino contribua para aprendizagens significativas. Assim:

Ligaré a explicação à compreensão, em todos os fenômenos humanos. Vamos repetir aqui a diferença entre explicação e compreensão. Explicar é considerar o objeto de conhecimento apenas como um objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de elucidação. De modo que lhe há um conhecimento explicativo que é objetivo, isto é, que considera os objetos dos quais é preciso determinar as formas, as qualidades, as quantidades, e cujo comportamento conhecemos pela causalidade mecânica e determinista. A explicação, claro, é necessária à compreensão intelectual ou objetiva. Mas é insuficiente para a compreensão humana (MORIN, 2004, p. 93).

Os conteúdos escolares se tornarão im-

portante na medida em que se tornarem significativos a nossa percepção de mundo, após a explicação passarem a ser compreensivos. Ir além da explicação mecânica dos conhecimentos científicos é o desafio da educação para uma cabeça bem-feita, cuja sensibilidade e racionalidade oportunizem captar os problemas, a fluência e a flexibilidade diante deles. Assim, o sujeito estará se apropriando das categorias fundantes do pensamento que propõe Morin.

O significado do pensamento crítico está na relação com a capacidade de rever perspectivas ou disposição de razoer desde a perspectiva dos outros, criar novos significados no cotidiano e questionar as evidências dele. O esforço sistemático de construção teórica, portanto, é condição para o exercício qualificado da docência, no qual se busca a pertinência da sistematização ao longo dos tempos, no sentido de articular pensamentos estruturantes a lógica reflexiva.

Segundo Morin (p. 93), “há um conhecimento que é compreensível e está fundado sobre a comunicação e a empatia—simpatia, mesmo—intersubjetivas”. Sendo assim, o processo educativo acontece na relação com os outros, no partilhamento de concepções de mundo e experiências de vida e científicas. O conhecimento humano se constitui nas trocas de sentidos entre os sujeitos. “A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito” (p. 93). Nessa interface de linguagens, vamos ampliando nosso campo de percepção, ressignificando os conhecimentos e entendimentos dialéticos do mundo.

Para Morin (p. 93), “a compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade”. Isso significa, de certa

forma, em encontros epistemológicos, para ampliar a capacidade de discernimento, de leitura crítica da realidade em movimento. Consiste no processo de mobilidade conceitual, através da relação dialógica, no qual o pensamento vai se reorganizando, a sensibilidade é aguçada e as formas de intervir na realidade aperfeiçoada.

O professor nesse processo será um protagonista se tiver também uma cabeça bem-feita. Nesse sentido cabe investir permanentemente na formação continuada para manter o referencial epistemológico em condições de estabelecer diálogos significativos sobre o desafio de ensinar e aprender. O caráter emancipatório e comunicativo do professor são importantes, pois, segundo Morin (p. 104), “precisamos, pois, estar intelectualmente rearmados, começar a pensar a complexidade, enfrentar os desafios da agonia/nascimento de nosso entre-milênios e tentar pensar os problemas da humanidade na era planetária”.

A educação efetivamente consiste nesse processo de tentativa constante de compreensão da humanidade, como lógica ontológica de abertura ao mundo, pela via epistemológica, reinventando os modos de estar e ser no mundo, e reconstruindo sentidos de nossas ações. Ser professor na complexidade é emergir no contexto e, dessa maneira, a prática reflexiva e investigativa são indispensáveis ao exercício da docência. Assim, “o sujeito aparece na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito, que podemos chamar de compreensão” (p. 118).

A cabeça bem-feita é aquela que torna o sujeito autônomo, capaz de criar suas próprias representações do mundo e tomar deci-

sões, em meio ao “mar de incertezas”, que é o próprio processo de viver. O sujeito nessa condição se prepara para compreender o processo histórico, assim é capaz de análises, sínteses e expressão da criatividade. Desse modo, consegue interagir na negociação de diferentes perspectivas e pluralidades de referências, seja da experiência de vida ou da visão intelectual.

Em resumo, a cabeça bem-feita consiste no processo de pensamento dialético, na complexa teia de relações, capaz de interlocução significativa nos espaços sociais. Também, integra-se no universo reflexivo, transgredindo a visão sobre determinado tema e assim buscar aprofundar, ou seja, é a busca sistemática por aquilo que se situa no fundamento da realidade.

Considerações finais

Como é possível perceber, nesta altura das reflexões, a educação contemporânea voltada a criar condições de inteligibilidade pode encontrar na concepção de “cabeça bem-feita” importante referência para repensar o pensamento pedagógico nas escolas. Nesse sentido, Edgar Morin, em especial na obra que serve de base para as análises que acabo de realizar, traz uma significativa contribuição, tendo em vista que propõe a superação da visão pedagógica da herança positivista, no qual o conhecimento é desprovido de uma visão de totalidade, reducionista e mecânica da apreensão dos conceitos.

O desafio da educação, no tempo atual, é proporcionar a formação de uma cabeça bem-feita. Efetivamente, consiste em tornar significativos os conceitos trabalhados em aula e, assim, promover a compreensão crí-

tica dos conteúdos, mediante relações inter-subjetivas, mediadas pelo diálogo, a partir da perspectiva dialética entre as partes e o todo, que constitui o centro da pedagogia facilitadora da formação de subjetividades capazes de dar conta das demandas do atual processo histórico, marcado pelas incertezas, no qual o conhecimento precisa estar sempre se reconstruindo para acompanhar as transformações rápidas dos processos sociais, culturais, tecnológicos, enfim da historicidade contemporânea.

Referência Bibliográfica

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.